

V Campus EuroAmericano de Cultura, Almada , Maio 2007
“Cooperação Cultural no século XXI”

Lala Deheinzelin

“O que é sentido, faz sentido”

Antes de abordar o assunto gostaria de ressaltar que falo como autônoma, apresentando pontos de vista pessoais que não necessariamente representam as idéias das instituições para as quais trabalho, como a Unidade Especial de Cooperação Sul-Sul, da ONU. Explico também a origem deste ponto de vista. Sou artista na origem, venho das artes cênicas, sendo portanto “*fazedora*”, e meu foco são os “*comos*” (creio que o “como” é o ponto chave) Como “*pensadora*” não sou especialista ou pesquisadora, mas sim uma “*sintetista*”, em busca de pontos em comum e visão do todo. Como atuação, sou “*modem*”: articulando linguagens e setores diferentes, criando pontes.

Decidi não me aprofundar em um tópico, mas abordar vários justamente para dar esta visão do todo. Parto sempre do que considero o mundo no século XXI, pois acho que muito do que fazemos ainda é do século XIX ou XX.

Primeiro ponto importante: o que nos move, por que acordamos todos os dias e trabalhamos? Por que acreditamos que sim, um outro mundo é possível. Temos recursos, conhecimentos e pessoas para isso. O projeto “What the World Wants”, desenvolvido pelo futurista Buckminster Fuller mostra que para serem resolvidos a maior parte dos problemas do mundo (fome, habitação, saúde, energia, etc) eram necessários, em 1997, investir por 10 anos menos de 1/3 dos 780 bilhões correspondentes aos gastos anuais mundiais em armamentos nesse ano (passados dez anos os problemas não foram solucionados e o valor gasto em armamentos hoje é quase o dobro).

Se é possível mudar o mundo, o que falta? Falta decisão, vontade política e, sobretudo, falta a escolha cotidiana de cada indivíduo. E escolher depende antes de mais nada de *desejar*. O que orienta todo meu trabalho é a percepção que para *desejar* é preciso *sentir*: a consciência apenas não é suficiente para mobilizar para ação. A palavra “*escolha*” é também uma chave para nós, uma vez que nosso objetivo final é o desenvolvimento sustentável. Qual e como? Gosto da definição de Amartya Sen, adotada pelo PNUD: desenvolvimento como processo de ampliação de escolhas.

E o que vem antes? Cultura ou Desenvolvimento? Em geral, ao formular políticas ou orçamentos, a cultura não é prioridade. Porém, sua centralidade fica evidente quando lembramos que o que caracteriza o homo sapiens é ser um animal simbólico. Somos sapiens desde que começamos a criar uma linguagem simbólica, com as pinturas nas cavernas. Cultura é a nossa natureza, é o que nos caracteriza. Vale ressaltar também que o mesmo momento em que começam as trocas de idéias, através de símbolos, começam os negócios através da troca de bens, possível graças à criação de embarcações. Cultura e economia andam juntos desde a origem.

Além disso, a cultura é como um “*óculos*” através do qual vemos o mundo. É ela quem condiciona nosso olhar, e ao fazê-lo, define nossas escolhas. Nossa cultura leva a escolhas, que levam às decisões e estas então se revertem em ações. Assim, a cultura é matricial, é o *DNA dos processos*. Por isso, no meu entender, é o caminho para o desenvolvimento sustentável.

Agora, cultura como, qual, para que? Nosso papel como cooperação cultural é re-significar seu papel. Cultura não é a cerejinha que enfeita, é o bolo que sustenta. É estruturante, não supérflua. Muito dessa visão “cerejinha” vem da confusão que se faz entre arte e cultura, sendo essa última muito mais ampla e abrangente. É preciso muita atenção pois a maioria das vezes que falamos “cultura” nossos interlocutores ouvem “arte”. Cunhei uma definição compacta e simples: *Cultura é o que cria, e portanto transforma, mentalidades (o que pensamos) e hábitos (como fazemos) .*

O valor simbólico da cultura e sua importância como fim e não como meio são premissas. Porém, eu me dedico à cultura como fator de desenvolvimento sustentável e trabalho na proposta de Economia Criativa: um conceito mais inclusivo que a Indústria Criativa e cujo objetivo é o desenvolvimento, não mero crescimento econômico. Aliás, acredito, que crescimento rápido e contínuo é insustentável, é como uma doença, pois só o que cresce muito rápido é o câncer. Espero que nos próximos anos possamos revisar nossos modelos de crescimento e sucesso.

O objetivo da Economia Criativa para o Desenvolvimento é trabalhar para aqueles 60 % da população do mundo que não estão incluídos no “mercado”, pois, ao fazê-lo, trabalhamos tanto com inclusão produtiva quanto com inclusão social.

“Ser ou estar, eis a questão”

Nesse século XXI uma palavra chave é *virtualização*. Isso já fica claro na nova ciência que nos apresenta uma visão de mundo onde existe constante mudança de estado entre matéria e energia, tangível e intangível. A física quântica dá um novo sentido à celebre frase de Shakespeare. “To be or not to be, this is the question”. Nas línguas latinas, muito ricas, a frase ganha o que acredito ser seu sentido original: “Ser ou Estar, eis a questão”. As coisas são, mas também estão. Mudam de estado, como nos mostra a água, que é gelo, rio ou nuvem.

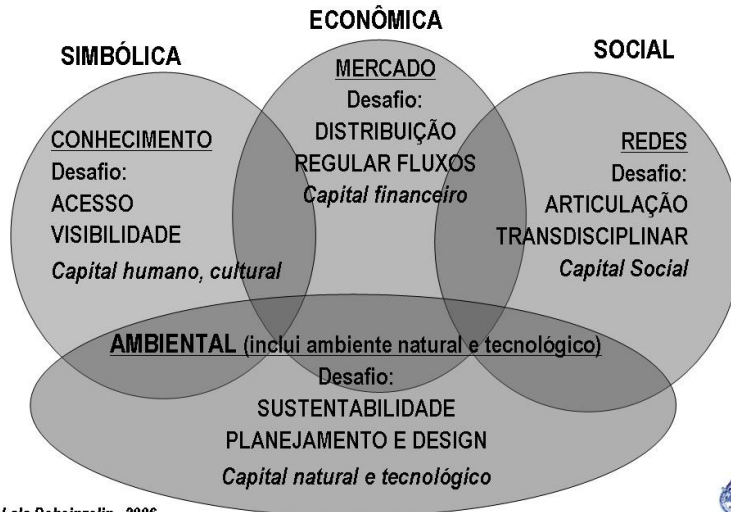
Se as coisas não apenas são, mas estão, podem estar de outro jeito. Promover mudança de estado seria então nosso papel. Mas, como? Através de *processos*, que deveriam ser nosso foco de atuação.

Outro conceito ainda relacionado ao tangível e intangível e ao século XXI é a percepção da nossa *interdependência*. Já fomos dependentes da natureza, já tivemos a ilusão de independência e agora começamos a ter noção de nossa interdependência. A inter-relação dos mercados mundiais é um exemplo disso. Aliás, também a nova ciência deixa claro que não somos corpos isolados no vácuo mas sim conectados energeticamente.

A percepção da interdependência fica clara no que diz respeito ao ambiente. Por risco de destruição fomos forçados na primeira metade do século XX a adotar uma visão sistêmica e integrada das disciplinas que lidam com o ambiente, resultando na ecologia. Hoje, nossos maiores desafios são de ordem cultural, interpessoal e precisamos passar pelo mesmo processo no que diz respeito às disciplinas que lidam com o intangível. Acho que vivemos o momento da constituição de uma nova disciplina: a *Ecologia Cultural* que trata de forma sistêmica as disciplinas que lidam com o humano.

O ecossistema cultural tem quatro dimensões: simbólica, econômica, social e ambiental. Note-se que correspondem ao que embasa a sustentabilidade, razão pela qual é fundamental a incorporação da cultura no conceito de sustentabilidade.

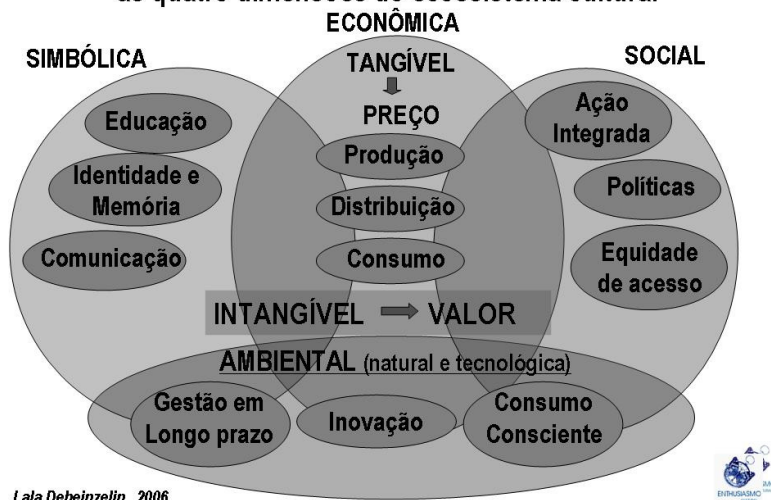
ECOSSISTEMA CULTURAL – 4 DIMENSÕES



Mais um motivo pelo qual o conceito de Economia Criativa me agrada, uma vez que ele atua nos dois ecossistemas: Economia para o ecossistema tangível, ambiental, aquele onde “as coisas são” e Criativa para o ecossistema intangível, cultural, aquela onde “as coisas estão”.

Como atuar com estes dois ecossistemas interdependentes? De novo: através de *processos* que para terem sucesso, devem ser *multisetoriais, transversais e multidimensionais*. Por isso temos trabalhado com algo que chamamos de *Cadeia Integrada da Geração de Valor*, ou melhor, *Trama Interdependente da Geração de Valor* pois o cultural é multidimensional e nele a noção linear de cadeia não se aplica.

Trama Interdependente de Geração de Valor e as quatro dimensões do ecossistema cultural



Essa Trama inclui o tangível, através do trinômio produtivo da economia: *produção, distribuição e consumo*, porém vai além. Isso porque este trinômio se adequa a *produto (lineares)* e não a *processos (complexos)*. No campo cultural, o que é fato determinante para o sucesso são os elementos intangíveis, que além de agregar valor, criam o ambiente e as condições propícias.

- No simbólico: *educação e capacitação* adequadas garantem a *diversidade cultural* através de *identidade e memória* e isto depende de mecanismos dos mecanismos de *comunicação*.
- No social: a *ação integrada* (intra-setorial; intragovernamental e entre público, privado e sociedade civil) é a base para construção de políticas (públicas e privadas), que por sua vez só serão possíveis se houver equidade de acesso.
- No ambiental: *visão de longo prazo*, traduzida em planejamento, leva à *inovação* através de design (no conceito ampliado de Bruce Mau, onde o design é aquilo que desenha o mundo), sendo que os ambientes natural e tecnológico só se sustentam se houver *consumo consciente*.

O problema é que processos eficientes e eficazes são multisetoriais e transdisciplinares e nenhuma de nossas estruturas tem esse caráter. O fato de não estarmos preparados para a interdisciplinalidade e para a ação integrada é uma das maiores dificuldades que encontramos na prática.

Intangível, distribuição e estratégia

Outra coisa ligada à *virtualização* do século XXI é que o intangível é estratégico, vale mais do que o tangível. A marca Coca Cola vale mais do que suas fábricas, o trabalho criativo vale mais que o braçal. Como a riqueza está no intangível, no cultural o risco que enfrentamos é o da “colonização” deste intangível. Nosso papel como cooperação cultural deveria se evitar essa colonização, uma vez que o princípio da interdependência nos mostra que danos

ao ecossistema cultural (monopólios, homogeneização, intolerância) acabam sendo danosos para todos.

Os territórios já foram colonizados. Os produtos já foram colonizados e, inclusive, são a forma mais eficaz de dominação. Agora, temos que evitar a *colonização dos processos*, um risco sério quando se tenta monopolizar e vender modelos prontos de atuação em relação à criatividade e cultura.

A colonização do intangível se dá sobretudo através do *controle de distribuição*, o que fica muito claro quando se observa o setor áudio visual. O resultado é homogeneização, a antítese da diversidade, sendo esta essencial para a “saúde” do ecossistema cultural.

Portanto, na cooperação cultural deveríamos focar mais em fomentar distribuição e o acesso do que na produção. Novamente não é isso que acontece, pois isso requer ação por *processos* e trabalhar com produtos é infinitamente mais simples (razão pela qual a maioria das políticas está baseada em produtos). Processos são complexos, porém infinitamente mais eficazes, daí a necessidade de foco na distribuição. Onde há circulação há saúde, há equilíbrio. Se há distribuição e acesso, a produção está garantida, não precisa ser fomentada.

Falar em circulação e acesso nos leva a um outro ponto crucial: direitos de propriedade intelectual. Os modelos vigentes poderiam servir para o Século XX. Mas, se o século XXI necessita ter a inclusão como característica, estes modelos devem ser revistos. Um aspecto que é crucial é que o direito à autoria não pode se sobrepor ao direito à vida, este último deveria sempre ser soberano. Por exemplo, não se pode permitir que pessoas morram por não poderem pagar pelos royalties de remédios que necessita...

Assim, é importante evitar confundir a criação que vem do campo da cultura e aquela que vem da ciência. Por isso, em nosso entender, o conceito de Economia Criativa não deve incluir patentes científicas.

Enquanto a idéia de direitos de autor se aplica à Indústria Criativa, na Economia Criativa ela ou não se aplica ou deve ter novos modelos. Por exemplo por incluir saberes e fazeres tradicionais e todo o setor informal. Também pelo fato que ela *gera mercado* (ao trabalhar com o 60% da população que estão fora do mercado) e não compete por ele.

Culturalização da Economia

Falando de mercados, a Cultura se adaptou à Economia: mercado, orçamentos, indicadores, estatísticas etc. Agora é a Economia que deve se transformar para incorporar as múltiplas dimensões da Cultura. Primeiro é urgente criar parâmetros para “medir” resultados nas dimensões sociais, ambientais e simbólicas. Depois, é preciso alterar indicadores de riqueza, indo além do monetário e incorporando recursos culturais, naturais, humanos. Finalmente, a maneira mais eficiente de perceber os resultados da cultura e verificando seus impactos – tanto positivos quanto negativos. Verificar os impactos culturais deveria ser uma prática tão corrente quanto a verificação dos impactos ambientais.

Outra mudança de procedimento seria, nos processos de mensuração, incluir os setores indiretamente ligados à cultura. Sem cinema e música não há indústria de eletrônicos e eletrodomésticos, satélites ficam 80% sem função; construção e comércio caem brutalmente etc. Se adotarmos parâmetros e

indicadores multidimensionais vamos verificar que a Cultura é o cisne, não patinho feito. Pois tem enorme importância e impacto. O que temos feito equivale a medir litros usando régua e centímetros.

Fatores estratégicos

Se eu pudesse escolher dois fatores que considero estratégico dentro dos “comos” da cooperação cultural eles seriam:

1) Criar “conectores”. Temos a percepção que conectividade e comunicação são a grande característica desse século. E que isso só foi possível graças à criação de *modens*, interfaces que fazem conversar linguagens diferentes.

Nosso principal papel é sermos conectores ou modem: nos governos, integrando pastas diferentes; articulando poder público, privado e sociedade civil organizada e orquestrando nossa rede multilateral.

Já verificamos que processos deveriam ser nosso foco, porém eles necessitam estes conectores. É preciso *formar profissionais “modem” ou conectores*, com perfil transdisciplinar e portanto aptos, por exemplo, a fazer negociações multilaterais e planejar a aplicação da Convenção da Diversidade Cultural.

Além de profissionais, necessitamos *ferramentas “conectoras”* que sirvam, por exemplo, para difundir as melhores práticas, dar –lhes visibilidade e promover a conexão entre elas. Finalmente, necessitamos *instituições conectoras*, que desempenhem o tão necessário papel de orquestrar os diferentes parceiros de cada processo.

2) Outra prioridade estratégica que percebemos vem da analogia entre *cultura e cultivo*. Para ter frutos, precisamos de boas sementes, terra preparada, o manejo propriamente disto e aí finalmente teremos a colheita. Geralmente acreditamos que boas sementes são garantia de bons frutos, porém nossas sementes (idéias, inovações) morrem porque o terreno não está preparado. Por isso, temos o papel de garantir futuros possíveis e desejados, fomentando o ambiente favorável através da *sensibilização e instrumentalização de lideranças* para a centralidade da cultura nos processos de desenvolvimento.

Finalizando, as premissas para que tudo isso seja possível são a *diversidade cultural*, cuja “folclorização” deve ser evitada. Acredito também que é saudável caminhar no sentido da “alteridade”, de caráter inclusivo, pois a noção de “identidade” gera separação. Além disso, temos melhor noção de nossa identidade, no exercício da alteridade, na relação com o outro.

E o mais importante de todo o exposto até aqui: *ética*. Sem ela corremos o risco de que nosso exercício de cooperação se deforme em colonização do intangível. A ética é também o que deve nortear processos, em todos os âmbitos. Lembrando uma vez os princípios de interdependência e alteridade, concluo com a percepção de que tudo o que faço ao outro resulta em mim. Falta de ética é o que devasta o ecossistema cultural e seu efeito nefasto corresponde ao efeito do aquecimento global sobre o ecossistema ambiental.

Com estes elementos estaremos mais aptos a tomar em nossas mãos a tarefa de mudar o mundo, mudando nossas mentalidades e hábitos: não mais uma

relação de usufruto, mas uma relação de cuidado, criando um mundo que desejamos e merecemos.

